

## DISCURSO DE PARANINFO

(Na solenidade de colação de grau dos bacharéis de 1960, realizada em 20 de dezembro desse ano, o paraninfo dos graduandos, Professor José Rodrigues Vieira Netto, catedrático de Direito Civil, proferiu a seguinte oração):

“Reitor Magnífico e Professor Flávio Suplicy de Lacerda.

Eminente Diretor e Patrono Desembargador Ernani Guarita Cartaxo.

Eméritos Professôres Homenageados Athos Morais de Castro Veloso e Hostílio César de Souza Araújo.

Ilustres Professôres

Autoridades, Senhoras e Senhores.

Meus jovens Bacharéis, meus Afilhados.

E QUINDI USCIMMO A RIVEDER  
LE STELLE

Só o discurso do Paraninfo, com frequência, deslustrar a festa da formatura — porque, escorrendo horas a fio, para a crescente estafa e o enervamento dos obrigados circunstantes, — nem se apercebe que é desatendido — tolerado pela dignidade do instante e

para que se cumpram as tradições.

E assim, maçudo, enorme, erudito, cheio de ouropéis, não resta, no reconfôrto da última página, senão como da passagem do Vento, que espalhou poeira e ruído. A reversão ao pó de que falava o Padre Vieira.

Ao escolherdes o Professor recente que teve, na vossa, a sua primeira turma, pareceu-me que lançáveis um estranho desafio. Aceitei-o e romperei a tradição.

Creio que, de mim, esperastes deixasse lá fora, como indesejáveis, — a autoridade vitalícia e o formalismo da eloquência vazia, — dois vícios que sempre despedi de minha companhia.

E que fôsse êste discurso, assim como uma derradeira conversa de Amigos, última canção de Companheiros que, jovialmente, se despedem — trocando cuidados, conselhos e promessas — e portanto têm pressa no dizer e no partir.



Aqui estou para essa alegre despedida; porém, a lealdade do Amigo, a fidelidade do Guia não permitem palavras enganosas.

Ordenam que vos previna dos perigos iminentes, que mostre os rumos e avise das distâncias, — uma vez mais insista na conduta que tereis, fugindo às ilusórias tentações e aos esconsos atalhos que levam ao perdimento; predispondo o combate que se travará, primeiro, nas vossas consciências, antes que tomeis o partido certo e a posição mais justa.

Não tenho venerável autoridade que imprima na vossa memória essas curtas recomendações. Mas insisto que a coragem, a iniciativa, a discreção, a humildade, a disciplina — não se aprendem na fantasia e no sonho, na vigília da imaginação; porém, vendo, tratando e pelejando.

Ver, tratar e pelejar, eis o que fiz nestes vinte e oito anos, desde que prometi, em igual circunstância, que me conduziria pelos princípios inerentes à Honestidade, no patrocínio do Direito, na execução da Justiça, no ensinamento dos Bons Costumes — sem abandonar a Causa da Humanidade — que nisso se resume o latim que, há pouco, pronunciastes.

Aqui estou, de retôrno, e agora apelaís para essa mesquinha experiência.

Só vos posso dizer, no final dos quadragésimos, e em antítese ao Florentino, que — nas teimosas andanças e cuidados de minha encantada vocação profissional — procurei uma esquiva JUSTIÇA em todos os círculos infernais, e em todos rebusquei, e nem a esperança perdi e o Amor à Vida e aos

meus Semelhantes — mas, **que venho a sair, enfim, a contemplar estrelas**, nas alegrias de vossa convivência e no encontro definitivo de meus rumos verdadeiros.

E foi tal o encantamento dêsse encontro com a vossa Juventude, que não resisto à oportunidade desta última lição:—

Vive o Homem uma vez, uma só Vida — embora o seu egoísmo ponha esperança em sobrevivências imateriais.

Sem embargo de suas crenças particulares, deve vivê-la aqui, nas contradições do meio físico e do meio social.

A Vida não pode ser idealizada, concebida, imaginada, “como se fôssem” os Homens e a paisagem.

Deve-se vê-los como são, exatamente no belo e no impuro, no grotesco e no sublime.

Vimos da mais baixa animalidade, para as alturas da Inteligência e do Amor.

Foi uma lenta modificação de Vermes em Heróis, com os necessários regressos e estagnações dos que não conseguiram progredir, dos que não acompanham a atualidade dessa imperceptível transformação. Em verdade vos digo, que é incômodo e perigoso ser Herói, — é estável e nutritiva a posição parasitária dos Vermes.

Vermes e Heróis não se separam em compartimentos estanques, em escaninhos impermeáveis de uma impossível História Natural da Humanidade. O Bem e o Mal não têm extremas; andam juntos e ora são, para deixar de ser.

Todos nós temos um pouco de



cada um, as moléculas do Herói, e as tendências do Verme.

Uns poucos Vermes terminam com a apoteose dos Heróis. Muitos Heróis tiveram o final melancólico de uma desintegração em Vermes.

É essa a Humanidade.

Um lento progredir, uma infinita aspiração, uma contínua luta para as formas mais altas da Liberdade e do Amor, da Convivência e da Segurança.

A História que vos ensinaram nos Colégios foi escrita, no dizer de Georges Bernanos — pelos membros do Instituto, pelos Acadêmicos a quem falta, absolutamente, qualquer senso de humor. Essa História, por seus escribas e fariseus, sempre pôs em relêvo a versão dos vencedores e, à força de repetição e de romance, transforma-se em contos de fadas, com que se alucinam as imaginações juvenis.

Era uma vez, ... um guerreiro, um general, um príncipe... e, na base da narrativa, vos impingem a moral dos salteadores e piratas. Pelo menos, incute-se o temor reverencial pelos que “serram de cima”; trata-se de convencer das delícias resignadas de serrar, a um tempo, contra a lei da gravidade e o pó da serradura... que assim sereis exaltados!

Sem dúvida foi justa a formulação de que são os Humildes, verdadeiramente, os bemaventurados — mas não deixeis que essa lição sublime seja desvirtuada a ponto de se traduzir nu’a moral de escravos.

O rádio, o cinema, os livros que se imprimem de encomenda aju-

dam a uma falsa visão panorâmica, a uma inversão de conceitos que resistem à vossa crítica instintiva e influem nos juízos de valor: a exaltação do gangster, a inesgotável fertilidade do revólver do mocinho, a irredutível superioridade do homem que sabe fazer dinheiro.

São êstes os Heróis convencionais; na realidade Vermes agressivos, insaciáveis sanguessugas que apostaram no êxito e no golpe, como se faz uma parada de roleta.

A Humanidade é OUTRA.

Ela marcha devagar, porque marcha sôbre a sola dos sapatos. Os pés no chão, lentamente, sob o sol e o vento, a chuva e a poeira, a lama dos séculos — um passo à frente, outro adiante — ela se adianta.

Não há regressões que não sejam transitórias, não há noite soturna ou forte tempestade, que não sejam seguidas da bonança, — das alegrias de u’a nova madrugada.

Ainda, na sugestiva imagem de Bernanos, — ao longo das fileiras, de vez em quando, árdegos, galopam aventureiros, os cavaleiros da fortuna. Rindo e cavalgando, quebram a cabeça na pedra das calçadas. No correr dos séculos, fizeram mil asneiras, escandalosas e brilhantes, que devemos consertar, obscuramente, dia após dia, reparando os claros de nossas fileiras, que êles abandonaram na desfilarada e que esmagaram na estrepitosa fuga, — mais rápida ainda que a sua “carga” fulminante e fulminada.

Por causa dêles parece que recuamos, quando se retiram em desordem. Todavia, a Humanidade



marcha, apesar dêsses romanescos contratempos. Nós continuamos, devagar e sempre.

O vencedor de mil batalhas é o vencido do dia seguinte, e a História prossegue apesar dêle. A estreita e imediata visão dos crápulas eterniza a sua vitória transeunte. Não faltam filósofos e moralistas que justifiquem os processos e repitam e ensinem que a Ordem Dominante sempre foi e será.

A maravilha do Universo é a sua constante transformação.

Pergunta o Padre Vieira, repetindo Agostinho, onde estão os Tiranos e os Cônsules, Imperadores e Capitães, Dominadores e Heróis? *Nunc omnia pulvis*. Tudo é pó e cinza, e até as pedras morrem, e as inscrições — o último pusilânime louvor da sepultura.

A moral de classe pretende eternidade. Mas é risível hoje que Ulpiano proclamasse ser a Justiça “a arte de dar a cada um o que é seu”... o que importa em negá-la ao maior número, pois quem nada tem, não há o que pedir, — direito ou coisa alguma se permite que reclame.

Isso — já foi, não é mais e no entanto se repete.

Naquele tempo, heróis dessa ordem de coisas, qualificavam-se Alexandres e Pompeus, Cézares, Augustos, Cipiões e Felipes. Suas estátuas de glória fundiram-se no ouro das pilhagens, no fogo da corrupção, no óleo dos estupros, — elevaram-se sôbre as hecatombes humanas. A plebe não tinha nada, senão a honra de aclamá-los de longe, para que o seu cheiro não ofendesse as narinas dos Heróis. Quando as coisas ficavam ruins,

ensinavam-na que o seu Voto era a fonte do Poder — e ela, “orgulhosa dêsses atributos, continuava coçando a sua sarna, nas arquibancadas das arenas”, resmungando em vários tons por mais pão ou mais circo. A fonte do Poder era o Escravo. Mas a História não fala de Spartacus e de uma revolução de Escravos, — de sua agonia e da infâmia de uma cruz romana, porque pleiteara e combatera para que o Homem e a Mulher fôssem igualizados a outros homens e mulheres.

Façanhudos barões e cavalos de renome foram os próximos Heróis. Seus pretextos sempre foram Nobres, sua Causa a mais justa de tôdas. Jamais esqueceram, de passagem, — de encher as arcas de dobrões e ducados, de arredondar os territórios, — por via das dúvidas reforçar o seu poder material, embora desdenhassem as coisas dêste Mundo. A História nem registra as guerras camponesas, as revoluções dos humildes que não se negavam pagar dízi-mos a Deus, porém haviam ponderado a sua condição de homens livres, protestavam contra o esbulho das terras e da herança, suplicavam um pouco de lenha, o direito de caça, a diminuição dos impostos escorchantes.

A mesma História eternizou heróis de capa e espada, rendas d’Alençon, sangue e veludo, plumas ao vento e botas à espanhola; as baionetas de Frederico, a Velha Guarda do Imperador. Ninguém jamais guardou o nome da mulher que atirou a primeira pedra à Bastilha; olvidou-se, no tumulto da Revolução, a Conspiração dos Iguais, a apóstrofe de Babeuf ao Tribunal: “Eu, que sou



mais livre que todos os homens, porque estou carregado de grilhões”!

Permiti que evidencie, na civilização industrial, a mecanização do Herói. Ele é o **play-boy** das curras e do rock; o milionário desocupado; a juventude das tropas S.S.; é o piloto atômico de Hiroshima e Nagasaki; Mister América, o Capitão Marvel, — tôdas as inefáveis, irremissíveis burrices de uma imprensa milionária que corrompe os costumes e ensina a violência; que teme a Censura no bôlso e arranja mandados de segurança, em nome da Liberdade de Imprensa.

E por que essa espécie de imprensa, o rádio, o cinema, o jornal, a televisão não se inspiram no heroísmo da mocidade das escolas; no engraxate que aprendeu a ler num curso noturno; na anônima rotina do operário; na investigação em laboratórios, na dedicação do mestre-escola, na vida do homem comum — e na enxada do campônio, e na pena dos poetas, na criação do artista e no gênio da ciência?

Vide a síntese daqueles Heróis desde Nero até um certo Hitler: constatareis que trazem dentro de si um princípio de destruição — a própria e a dos outros.

É urgente a revisão dêsses valores.

Disse Monteiro Lobato que somos uma civilização de flôres e de estêrco. Umas raras flôres de luxo, pretenciosas e esquisitas orquídeas que se adubam no suor da Humanidade. Todos nós somos adubo. A elas, às orquídeas esquisitas, a glória de resplandecerem; a nós, a honra de fornecer o oxigênio de nosso sangue, para que

elas possam, livremente, desprender o carbono de seus vícios.

Em minhas aulas, nunca fiz praça de meus próprios ideais. Limitei-me com humilde critério científico a explicar-vos como eram a estrutura e o funcionamento dêsse direito privado — que é a fonte das injustiças sociais.

Agora, como no poema de Whitmann, senti reclinadas no meu ombro as vossas faces pensativas, e reclamáveis conselho e ajuda — as esperanças da jornada — antídoto aos preconceitos e temores, aos prejuízos que vos incutira tôda aquela preordenada e maliciosa orientação.

Como Whitmann, confesso que estou só, ou quase só. “Estou só e faço os outros assim, porque as minhas palavras são armas cheias de perigo; porque desprezo o conformismo e a segurança, a tranquilidade as leis aceitas, para repudiá-las. E sou mais resolutivo porque as denunciei e não temo as maiorias e o ridículo”, e o inferno para mim só existiria, se estivesse dentro de minha consciência.

Alguém, nesta hora, poderia acusar-me de corromper-vos e declarar que deveis, em nome da Cultura e da Ordem, continuar sendo o adubo colonial com que eternamente se alimentem as flôres monopolistas de nossa tão adiantada Civilização.

Peço a Pablo Neruda — um silêncio cheio de vulcões para acusar os que estrangularam a esperança e colocar o seu nome na cova das desonras.

Vive o Homem uma vez, uma só Vida.

Secularmente, convenceram-no



de que a Vida tem sete círculos de aprofundado sofrimento, e que deve penar cada mortal.

Só os eleitos, Predestinados e Povos, são preservados dêsse sofrimento. Todos os demais podem entrar, devem sair da Vida, deixando no seu limiar tôda a Esperança.

Diz-se também por aí que a profunda desigualdade dos homens separa-os em Escolhidos para os prazeres superiores — e o quase pó dos Inferiores, fadados a irremediável desespero.

E eu — que venho a dizer-vos que a Humanidade é uma só.

Nenhum Fado sombrio, nenhum atroz desígnio, qualquer sentença inapelável, nada votou o Homem ao sofrimento, a Multidão à inferioridade.

A ciência desmentiu a veleidade soberba das Raças, a missão civilizadora dos tiranos, a predestinação das Classes Dominantes.

Vaidade és pó e a êle reverterás!

**Tu, Rex es caput!** Tu, Rei, Dominador, Poderoso, és cabeça e podes ser a estátua. Mas, olhe a cabeça viva para a cabeça defunta e olhe a cabeça para a caveira; e isto fui, e isto sou, e nisto parou a grandeza daquele imenso todo de que, hoje, sou tão pequenina parte?

Assim se pregava, na Igreja de Santo Antônio dos Portugueses, no ano da graça de 1672. É mau que os Heróis provisórios lembrem-se mais de seu poder e grandeza que dos Vermes e da lousa onde redundarão em poeira.

A Humanidade é Uma. E por ser, vai passando e se renova. O Velho

se desagrega e reverte. O Novo se desenvolve e progride. Aqui está u'a Nova Humanidade em cada geração. E cada uma se esclarece e aprende que é mentira essa inferioridade, que é infâmia essa desigualdade.

Cada vez mais se apercebe e conhece que o poderia dos Tiranos, a predominância dos Grupos, a escravidão dos Povos, repousam sobre tão frágeis construções que também se esboroam e desfazem a um sopro mais violento de um vendaval de Liberdade!

Assim, cada um se agita e espera a sua vez.

E no pó a carcassa dos Impérios,  
**Imperious Caesar, dead and**  
 [turn'd to clay  
**Might stop a hole, to keep the**  
 [wind away  
**O, that that earth which kept**  
 [the world in awe  
**Should patch a wall, to expel the**  
 [winter's flaw

Uma nova Humanidade descobriu os seus flagelos: A Exploração e a Guerra. Esta é o processo de manter aquela.

Ei-la que sabe — a Paz é a prosperidade de muitos; o reconhecimento da Igualdade — gera a fraternidade de todos.

A Violência é o clima das Orquídeas que reclamam um adubo de sangue. É o ataque dos Vermes à saúde dos Heróis.

Paz não é o clima dos Covardes, como então vos ensinaram, mas é a integração do Uno no Universo; o desvêlo total pela Unidade. É a continuidade de uma dinâmica, um movimento criador que não prescinde da paciência no trabalho,



da consciência da liberdade, — poderosa certeza de que somos capazes de realizar a felicidade.

**La Ciudad libre de miedo  
Multiplicaba sus puertas.**

Numa Ilha Diabética, onde proliferavam os Casinos, os prostíbulos e os latifúndios... era uma vez... reinava um Ogro sanguinário que, no seu requintado sadismo de Orquídea, cortava os seios das jovens estudantes, castrava e cegava os universitários que tinham imponderadas rebeldias.

Por estranho que pareça, o Ogro não era perturbado pelas poderosas Fadas Ocidentais, suas vizinhas, porque a mais poderosa de todas elas, que possuía um diadema de cinquenta estrêlas, — tinha um insaciável apetite pelo açúcar da ilha diabética.

O Ogro tripudiava.  
Sangre resbalada gime  
Muda canción de serpiente...

Um dia,... era uma vez... alguns jovens escapos das masmorras, afrontaram o mar e a tempestade, encurralaram-se nas montanhas, segredaram palavras ardentes aos tímidos ouvidos de seus irmãos, que tiravam o açúcar da terra e se alimentavam de terra sem açúcar...

Verde, que te quiero verde  
Verde viento, verdes ramas.  
El barco sobre la mar  
Y el caballo en la montaña.

E num outro dia, desceram os jovens daquela serra e afrontaram os esbirros na planície.

Señores guardias civiles:  
Aqui, pasó lo de siempre.  
Han muerto cuatro romanos  
Y cinco cartagineses.

E aqueles jovens scandalizaram o Mundo, não porque distribuíssem as terras, e expulsassem os Vermes, "mas porque... puseram meninos no poder..."

**La Ciudad libre de miedo  
Multiplicaba sus puertas...**

Êsses meninos, que não sabiam fazer nada, passaram a viver como se já estivessem mortos. Na sua renúncia quase religiosa, é como se não contassem com o dia de amanhã.

Os heróis de cinema, contratados para bombardeá-los, sabotá-los noite e dia, não valem nos seus temores.

'Oh sangre dura de Ignacio!  
'Oh ruiseñor de sus venas!

Sabem que a sua juventude deve fazer tudo. Têm medo de não cumprir sua tarefa. Mas, se estão sòzinhos, no quarto escuro de sua inexperiência, é certo que, em volta deles, como num Presépio, veiam os jovens do Mundo.

De vez em quando, na rua, explodem as granadas, requintada mensagem das Orquídeas.

Y otras muchachas corrían  
Perseguidas por sus trenzas  
En un aire donde estallan  
Rosas de polvora negra...

Em Babilônia, no cimento armado de seus jardins suspensos, as Orquídeas não querem mais açúcar. Têm nostalgias de um precioso adubo, feito de sangue e suor de juventude!

Há, nos anelos da Humanidade, nas esperanças da Juventude, um ideal de Justiça.

A êsse ideal consagrastes vossas Vidas.

Sem dúvida, há uma técnica pa-



ra pedir Justiça e a nossa pobre ciência é isso que vos ensina.

Essa técnica e essa ciência não são rotina pegajosa, nem metafísica inatingível, segrêdo de santuário que se resguarda dos olhos mais profanos.

Os sicofantas que não conhecem essa ciência e essa técnica — evolutivas como são as ciências sociais — disfarçam a sua ignorância, quando em mora de explicá-las, ou obrigados a aplicá-las e, assim renderem Justiça e sempre arranjam o bom pretexto de algumas regras misteriosas ou fórmulas essenciais, que dizem desatendidas — para negarem uma coisa tão simples. A Justiça deve ser, quanto possível, a mais direta; a regra de Direito a mais clara e atual, — baseada na realidade vivente — e a fórmula de pedir a sua aplicação acessível e rápida.

A estrutura de nossa vida em sociedade está sofrendo uma extraordinária modificação de que só não se apercebem os retardados e os maliciosos.

A Justiça há de acompanhá-la e de seguí-la, sob pena de ficarem, como ficarão os Juizes e os Juristas, retardados ou maliciosos, no pó da estrada, porque a Humanidade continua nas suas vias de progresso, na transformação de suas relações de convivência, para um alto destino de Fraternidade e de Igualdade, de Amor e de Paz.

Há um Direito Novo a construir, e essa é a nossa Missão.

Acostumái-vos a pensar em termos de maior número.

Há, sempre, um lance à vista

para a consciência do Advogado, do representante da Lei, ou do Juiz. Não deixéis que vos ponham em leilão, seja qual fôr o lance.

Desconfiai da amizade dos poderosos, vencei a natural desconfiança dos humildes.

A pressão é inimiga do vosso trabalho.

Não há vergonha em confessar a nossa ignorância e responder amanhã, o que hoje não sabemos.

Primeiro, estudareis o caso e aprendereis com o cliente todos os detalhes de sua pretensão ou de sua defesa. Depois, ireis pensar na conta de honorários.

Sêde francos com o Juiz, leais para o Colega, destemerosos e ativos com a Autoridade, tolerantes e pacientes com os homens.

Mas não deixéis que a vossa paciência elimine a vossa coragem.

Tirai das derrotas uma experiência, mas não guardeis rancor.

Analisai as vossas vitórias com a crítica de uma necessária modéstia.

Não vos deixéis cair em tentação.

---

Professor ULYSSES FALCÃO VIEIRA

Meu Pai Querido, Meu Mestre e Meu Amigo.

Quando te fôste êstes jovens mal nasciam. Outros jovens de tua última turma não ouviram o discurso de seu Parainfo — porque te fôste para sempre.

Tardará muito a nascer, se é que nasce, um Homem como eras.

Hoje venho cumprir a promessa



que te fiz, no silêncio de meu íntimo e constrangido pela tua saudade — de que retomaria os livros que deixaste e a energia que me deste e trabalharia pela noite a dentro, e quando me sentisse forte e suficiente, eu viria render o teu pôsto.

Que não se turbe a alegria destes jovens com a honra que te faço, mas é como se, hoje, eu concluísse a tua última tarefa.

Meus jovens Bacharéis.

Os rituais foram cumpridos. Podeis partir. Siga convosco uma canção de Amor. Pablo Neruda:

Darei a fraternidade àquele que  
[ninguém conhece

Juntando a força de todos os que  
]vivem

Para que a Pátria seja como um  
[nascimento.

Alcançai a liberdade que não  
[possui o solitário,

Ensinando a acender a bondade  
[como um fogo

Na retidão que necessita a árvore,  
[re,

Aprendendo a unidade e a diferença entre os homens.

A dor de alguém desfaz-se na  
[vitória de todos,

Mas é preciso dormir em camas  
[duras

E construir a realidade como se  
[fôsse uma rocha.

Ser inimigo do Mau e o muro  
[do frenético

Para ver a claridade no mundo  
E a possibilidade de alegria.

Tornar-se indestrutível na certeza  
[teza

De que não terminamos em nós.

---

E QUINDI USCIMMO A RIVEDER  
LE STELLE!"